



VOZ DA FÁTIMA

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria»

ANO LII N.º 618
13 DE MARÇO DE 1974
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

Problemas do Santuário

Como renovar as Grandes Peregrinações?

Neste Ano Santo, que é de renovação, não podem os Santuários dispensar-se de reflectir sobre o que significa renovar-se e as necessidades de renovação que neles se manifestam. E nem por ser um dos Santuários mais recentes, onde portanto não houve ainda tempo para o acumular da poeira dos séculos, nem por isso, digo, pode Fátima alhear-se dos problemas da renovação, como se nela nada houvesse a renovar; dada, com efeito, a sua extraordinária projecção nacional e internacional, são muitos os olhares que para ele convergem no desejo de participarem na esperança nova que neles se manifesta, e assim encontram os caminhos da renovação. Tanto maior é a sua responsabilidade em reencontrar-se para uma permanente «novidade».

Partindo, pois, do princípio de que, muito ou pouco, o Santuário deve renovar-se neste Ano Santo, a dificuldade estará em descobrir onde e como fazer a renovação. As palavras que aqui escrevemos não são mais do que uma tentativa de quem sente de perto a responsabilidade da renovação; bem vindas serão as achegas que outros nos poderão enviar, até chegarmos, pelo contributo de muitos, a ver claro neste problema fundamental: qual é o rosto novo, e qual o coração novo que o Senhor deseja se manifeste em Fátima, nas grandes peregrinações e neste ano de graça?

Sem serem propriamente construídas de cal e pedra, as peregrinações podem comparar-se a um grande e complexo edifício que tivesse agora cinquenta e tantos anos e que desejamos renovar tanto quanto for necessário para que nos encante de novo, como nos primeiros tempos, a sua presença e o seu esplendor.

Há três maneiras de renovar um edifício: só na fachada, só no interior ou no interior e na fachada. Muito mais do que nos edifícios materiais, o importante de uma peregrinação está no interior e não tanto na fachada. Mas não vamos tirar daí qualquer conclusão parcial, contentando-nos com renovar a fachada e deixando na mesma o interior (a alma da peregrinação), ou insistindo tanto na alma que acabemos por esquecer-nos de que os peregrinos também têm um corpo. Renovação

completa só a que começa pela alma e acaba por dar à peregrinação um corpo novo, uma face nova, uma fachada diferente.

Vamos realmente começar pela alma. O Senhor diz que no coração está o segredo último de todos os bens e males que se manifestam, para o exterior, pelas nossas palavras e as nossas acções: quem brande a espada é o braço, mas quem assassina é o coração.

Onde está a alma das peregrinações para que a renovemos? Se perguntássemos às centenas de milhares que em Maio próximo se juntarão em Fátima, onde está a alma, o interior, o fundamento, o principal da peregrinação, que nos responderiam eles? Estará a alma da peregrinação no que mais agrada a cada um, ou na intenção que o leva lá, ou na camaradagem do caminho, ou na emoção das procissões, ou na coragem dos que vão a pé, ou nos joelhos sangrentos dos penitentes, ou na bênção do Santíssimo Sacramento, ou numa pétala de rosa que lhes caiu do andor de Nossa Senhora?

Numero meia dúzia de coisas que nos podem esconder o acesso à verdadeira alma da peregrinação. Mas digo francamente que eu mesmo, diante de tanta manifestação bela que encontro nas grandes peregrina-

ções, tenho dificuldade em responder onde se encontra a alma da peregrinação. Uma vez mais, uma grande peregrinação é como um edifício: quem consegue ver à primeira vista as principais colunas sobre que assenta toda a beleza de paredes, divisões, portas, janelas, cimalhas e chaminés?

Por isso, sempre têm alguma razão aqueles que em certas épocas se apostam em deitar abaixo tudo o que o passado construiu, cansados de procurar sob a aparência podre de belas fachadas ou os escombros de roídas construções as raízes fixas por onde possam começar o edifício novo que lhes dará segurança e onde não-de sentir-se bem. Dizem então, cansados, ou irados, que o melhor é deixar que as coisas velhas morram por si e ir construir noutro lado edifícios novos de raiz ... que até podem ficar mais baratos.

Pode dar-se esse caso. Mas também é verdade que certos novos-ricos, cheios de dinheiro e de máquinas, cansados de construir casas novas (cansados e desiludidos), se dedicam, às vezes ainda em plena maturidade, a reconstruir palácios velhos para encontrarem neles a alma de seus avós. Estranha necessidade esta de reabitarmos nas moradas dos nossos avós!

Graças a Deus que as peregrinações a Fátima nem sequer chegam a estar velhas para nos induzirem na tentação de as pôr de lado. Vamos procurando, que não há-de ser difícil descobriremos-lhes a alma.

P.º LUCIANO GUERRA
(Reitor do Santuário)

A Unidade e a União dos Homens, tema da Peregrinação Mensal de Fevereiro

Foi bastante concorrida a peregrinação do dia 13 de Fevereiro ao Santuário de Nossa Senhora, sob a presidência do Sr. Dom Alberto Cosme do Amaral, Bispo de Leiria.

A peregrinação foi precedida duma vigília nocturna durante a qual o P.º Elias Ferreira da Costa, Pároco de Carnide (Pombal), falou aos fiéis sobre o tema da unidade e união entre todos os homens. Fizeram-se leituras bíblicas e cânticos litúrgicos que foram transmitidos pela Rádio Renascença para todo o país. O Sr. Bispo, no final, teve palavras de saudação pela rádio para todos os doentes do país, convidando-os a unirem os seus sofrimentos às orações dos peregrinos da Fátima.

A missa oficial da peregrinação foi concelebrada pelo Sr. Bispo de Leiria e mais três sacerdotes, no altar-mor da Basílica. Antes efectuou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora desde a Capelinha.

Depois da leitura do evangelho, o P.º Elias voltou a falar aos peregrinos no tema da unidade. Apoiando-se nas leituras da missa, disse que à Humanidade de hoje Deus poderia fazer a pergunta feita no paraíso terreal: Homem, onde está a tua felicidade? Onde está a dignidade humana? Os homens de hoje perguntam pela felicidade mas não a encontram, porque a procuram fora de Deus. Por isso se torna necessária a unidade de todos os homens para a união a Deus, fora do qual não é possível a felicidade. Fez um apelo aos peregrinos para a intensificação da devoção a Maria Santíssima para obter a sua intercessão para que haja unidade e união entre todos os homens.

Comungaram centenas de peregrinos e, no fim da missa, o Sr. Bispo deu a bênção do Santíssimo Sacramento a vários doentes.

Por último, o Sr. D. Alberto rezou as Ave-Marias com os peregrinos e fez votos de que esta devoção, tão portuguesa e tão cristã, seja restaurada e conservada em todas as aldeias de Portugal e que a recitação seja anunciada pelo toque dos sinos tão simbolicamente designado por toque das Ave-Marias.

Quaresma da Renovação

Estamos já na Quaresma, tempo litúrgico que todo o Povo de Deus sabe ser destinado, de modo especial, à oração, reflexão e reconciliação com Deus. Oração mais intensa e frequente, que nos leve a um contacto íntimo e permanente com o nosso Senhor e Pai. Reflexão sincera e profunda sobre a Sua palavra, que nos leve a moldar a vida pelo modelo de Cristo. Reconciliação total e sem reservas, que nos alcance o Amor do Pai, se o tivermos perdido, ou no-lo aumente, se o temos conservado.

Mas a oração, a reflexão e a reconciliação devem levar-nos à renovação de todo o nosso ser: coração mais aberto a Deus e ao próximo, mente mais esclarecida, fé mais profunda, graça mais abundante.

Esta Quaresma em pleno Ano Santo não pode ser para nós, cristãos sinceros, um tempo qualquer ou um tempo passageiro e ineficaz como, talvez, em anos anteriores. A graça do Jubileu que a Santa Igreja nos concede exige de cada um de nós uma repulsa definitiva de todo e qualquer apego ao pecado, sem o que esta graça ficaria estéril, e uma conversão ao amor de Deus, que não pode dar-se sem o amor do próximo.

Vamos renovar-nos. Para isso, antes de mais, temos de o querer. Queres tu, meu irmão, renovar-te a sério? Não hesites. Esta Quaresma é o tempo propício.

Fátima e a Oração

AS ORAÇÕES DO TERÇO

Se a mensagem da Fátima é, como alguém a definiu, o «*Evangelho de Cristo pregado por Maria*», não podia Nossa Senhora recomendar-nos senão aquilo que Jesus nos pregou. Ora Jesus nada nos inculcou tanto e com tão grande insistência como a oração, de tal maneira que Santo Afonso Maria de Ligório pôde escrever: «Todas as escrituras, tanto do Velho como do Novo Testamento, mais não fazem do que exortar-nos a orar» (*Prática de Amar a Jesus Cristo*, Porto, 1950, página 274).

Repetindo os ensinamentos do seu Divino Filho, a Virgem Maria, nas suas aparições, tanto na Rua do Bac, em Paris, quando manifestou a medalha milagrosa, como em La Salette, em Lourdes, Pontmain ou Fátima, mais que tudo e acima de tudo lembra-nos e pede-nos oração.

Como é mãe que quer o verdadeiro bem dos seus filhos, e, vendo que nada nos é tão proveitoso como a oração, é o que Ela mais vivamente nos recomenda.

Na Fátima, em todas as suas visitas, sem excepção, pede o terço, oração tão simples e aceite a Deus.

Em 13 de Outubro diz: «*Sou a Senhora do Rosário; quero que rezem sempre o terço todos os dias*».

Na aparição de Agosto nos Valinhos, pronuncia, com o rosto magoado de tristeza, estas palavras, certamente das mais impressionantes que proferiu na Fátima: «*Rezaí, rezaí muito, e fazei sacrifícios pelos pecadores, porque vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas*».

Para tornar mais insistente o seu pedido, repete a palavra, dizendo: «*Rezaí, rezaí*». E quanto quer que

rezemos? Ao contrário do mundo actual que renega a oração, a Mãe de Deus manda-nos rezar «*muito*».

A mesma recomendação tinha feito o Anjo, usando apenas uma palavra sinónima: «*Orai, orai muito*».

A Senhora diz com tristeza que são muitos os que se condenam. E porquê? Por não haver quem faça apostolado pela oração e pelo sacrifício. São estes os meios mais eficazes que o Senhor pôs ao nosso alcance para obtermos a salvação das almas.

Além disto, a branca Senhora traz as mãos postas em atitude de oração; das suas imaculadas mãos pende um terço, objecto de oração; e pede em Agosto e Setembro que construam, em sua honra, uma capela, local de oração.

Para que este Ano seja verdadeiramente Santo, como a Igreja de nós espera, temos de começar por pôr em prática a recomendação do Anjo e da Santíssima Virgem, de rezar muito. Sem isso, em vão procuraremos a «*renovação e reconciliação*», que o Papa marcou como meta a atingir no Ano Santo.

A oração é, na expressão ousada de Santo Agostinho, «*a omnipotência do homem e a fraqueza de Deus*». O Santo Doutor não faz mais que repetir o Evangelho em que Jesus nos diz repetidas vezes que nos há-de dar tudo o que Lhe pedirmos. E quem tudo tem e tudo pode não é omnipotente?

Servamo-nos, pois, para nosso bem e para a salvação das almas, desta «*omnipotência*» que o Senhor benignamente nos concedeu.

P.^o Fernando Leite

SERVIÇO NACIONAL DE DOENTES

Dia Mundial do Doente

Vai celebrar-se, de novo, no próximo dia 31 de Março — 5.^o Domingo da Quaresma — o Dia Mundial do Doente.

Será este dia mais uma prova de amor perante os irmãos que sofrem. Jesus é ainda hoje o mesmo que foi no passado, e será sempre o mesmo por toda a eternidade.

Como Deus que é, continua a cuidar dos doentes, mas com esta diferença consoladora. Hoje, Jesus faz muito mais pelos doentes do que quando viveu na Palestina.

Antes de subir ao Céu, Jesus confiou à Sua Igreja, isto é, a todos os cristãos, o Seu próprio amor pelos doentes.

Jesus disse-nos: «*Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei*». Afirmando ainda: «*Tudo o que fizerdes ao mais humilde dos Meus irmãos, é a Mim que o fazeis*».

Hoje, o amor de Jesus pelos doentes não se manifesta só num lugar ou numa pessoa; manifesta-se através do amor e do carinho com que milhares de pessoas, em todo o mundo, se dedicam a tratar dos doentes. O amor de Jesus continua a agir através do amor e carinho com que os médicos, as enfermeiras, as religiosas, os parentes e amigos tratam os doentes.

Todo o amor vem de Deus.

MARIA DE NORONHA

NOTA — A exemplo dos anos anteriores, o Serviço Nacional de Doentes mandou editar uma estampa com a oração dos doentes, composta por estes, na Fátima, quando da nossa peregrinação. Será enviada a quem a desejar, mediante a importância de \$50. Os pedidos podem ser feitos ao Serviço Nacional de Doentes, Campo dos Mártires da Pátria, 43 — LISBOA — 1.

Na meditação (de que já aqui se falou, em Fevereiro) contemplámos um ponto do Mistério da Salvação: aí vimos uma prova do infinito amor de Deus, que planeou esse Mistério para nos salvar; e a bondade imensa de Jesus e de Maria, que o realizaram para glória de Deus e bem de todos nós. Pudemos ver aí a maior maravilha criada por Deus e o seu dom mais benéfico para a Humanidade.

A meditação bem feita provoca em nós sentimentos de admiração, gratidão e desejo de aproveitar a graça, e logo nos impele a expressar com orações esses sentimentos. Assim, a reza deriva espontaneamente da meditação, como a planta brota da raiz. Como, num diálogo, a resposta pedida pela pergunta...

O Terço, de facto, é um sublime diálogo: primeiro, fala-nos o Senhor (por palavras ou exemplo) enquanto nós O escutamos, na meditação; depois, na reza, falamos-Lhe nós, agradecendo e pedindo a graça que Ele nos revelou na meditação; depois, será Ele a dar-nos essa divina graça; e nós a correspondermos com uma vida mais cristã; por fim, Ele a dar-nos participar na Sua glória, e nós a louvá-Lo eternamente no Seu Verbo divino.

SENTIDO DAS ORAÇÕES

Depois de meditarmos o Mistério, de o conhecermos e apreciarmos, passamos a celebrá-lo com as mais belas orações, divinamente inspiradas, que exprimem *louvor, súplica e propósito*.

Notemos, desde já, que essas orações têm, no Terço, um sentido bem concreto, que lhes vem do Mistério meditado: o motivo do louvor, o objecto do pedido, o objectivo do propósito — tudo isso está naquele Mistério. As orações do Terço visam, por um lado, o Mistério que meditamos e estamos a celebrar; por outro lado, a nossa vida ulterior, que deve ser moldada por esse Mistério.

O *Pai-nosso*: 1.^o é um louvor a Deus, em agradecimento por nos ter concedido aquele Mistério; 2.^o (*Pão-nosso*) é uma súplica a pedir a graça contida no dito Mistério. A *Ave-maria*: 1.^o é um louvor a Jesus e Maria, em agradecimento por terem realizado aquele Mistério; 2.^o (*Santa-maria*) é uma súplica a pedir, por intercessão da Mãe de Jesus, a mesma graça do *Pão-nosso*. A *Glória*: é um voto, para que a nossa humilde celebração dê glória a Deus; e, ao mesmo tempo, é um propósito de levarmos a lição do Mistério para a nossa vida prática e assim continuarmos a dar glória a Deus.

INTENÇÃO DO TERÇO

Já tocámos neste ponto (Voz da Fátima, Janeiro); mas é oportuno insistir, porque muitas pessoas, ao rezarem o Terço, têm apenas um objectivo de interesse particular, muito pobre.

O próprio Mistério que celebramos no Terço aponta-nos uma intenção muito mais rica e generosa — aquela mesma que tiveram Jesus e Maria ao realizarem esse Mistério: essa intenção — a principal e essencial no Terço — é *dar glória a Deus e salvar o mundo*.

Sem dúvida, podemos incluir aí qualquer intenção particular (p. ex., as melhores dum doente), mas orientada para aquela finalidade suprema, que nunca se deve esquecer. Os bens temporais também podem e devem contribuir para a glória de Deus e o bem do próximo.

Visto que, em todos os Mistérios do Rosário, Jesus e Maria amaram toda a Humanidade por amor de Deus, quando celebramos esses Mistérios no Terço, participamos activamente nesse amor por todos os nossos irmãos. Por isso, rezamos, não só por nós próprios, mas também por toda a gente e para salvação de todos: falamos sempre no plural, em nome de

todos. O Rosário não é individualista; é uma oração universal e uma expressão de caridade.

PAI-NOSSO

A oração vocal bem ordenada começa por louvar, e só depois é que pede: antes de mais, devemos reconhecer a infinita bondade e omnipotência de Deus, pois aí é que se apoia a nossa confiança para Lhe pedirmos o necessário. É assim mesmo que rezamos no Terço.

No *Pai-nosso*, dirigimo-nos ao Pai celeste: 1.^o *louvamo-Lo*, em agradecimento pelo Mistério que meditamos, pois foi Ele quem o planeou com infinito amor — amor de Pai — para nossa salvação. Somos Seus filhos (adoptivos), por isso, mais devemos santificar o Seu nome, desejar o Seu reino, cumprir a Sua vontade.

Na 2.^a parte (O *pão-nosso*), *suplicamos* ao Pai que nos ajude a aproveitar a graça do Mistério, como sendo o *pão* mais precioso e necessário. Aproveitá-lo, já celebrando-o dignamente no Terço, já seguindo-o como norma na vida prática.

Portanto, esse «*pão*» que aqui pedimos não é só o necessário ao corpo: é todo o alimento que dura até à vida eterna (Jo. 6, 27), ou seja, tudo o que é necessário para servirmos a Deus e ao próximo, mormente o perdão, a força na tentação, a libertação de todo o mal.

MEDIAÇÃO DE JESUS E MARIA

A oração vocal do Terço começou por dirigir-se ao Pai celeste, e assim terminará também como oração trinitária. Mas, ao Pai ninguém chega senão por Jesus Cristo — único Mediador entre Deus e os homens (Jo. 14, 6; I Tm. 2, 5). Colaboradora inseparável do único Mediador é a Sua bendita Mãe, pois Deus A escolheu para nos dar por meio d'Ela o próprio Salvador. Mãe e Filho são inseparáveis.

Ora, se o Mistério da Salvação nos veio de Deus por intermédio de Jesus e Maria, que o realizaram, também o Terço, que celebra esse divino Mistério, vai até Deus por intermédio d'Eles. É aí sobretudo que está o grande poder do Rosário, segundo esta palavra do Senhor: «*Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo dará*» (Jo. 16, 23).

Já foi em nome de Jesus que rezámos o *Pai-nosso*: apoiados no seu Mistério de valor infinito, e até usando palavras suas; mas, agora, essa mediação vai ser mais explícita. Vamos seguir o melhor caminho — o mais seguro e mais digno: *por Maria a Jesus e por Jesus ao Pai*. Não só confiados numa vulgar intercessão, mas apoiados firmemente nos méritos que Eles adquiriram no Mistério que estamos a celebrar.

(Continua)

P. O.

Agradecem a Nossa Senhora

Gracinda de Jesus Botelho, de Arnoia, Celorico de Basto, uma graça não especificada.

José da Silva Leitão, da Vila de Rei, uma graça não especificada.

António Marques, de Agilde, Celorico de Basto, uma graça não especificada.

Ismênia Veiga Martins, de Paranho de Besteiros, Tondela, uma grande graça a favor de seu filho José Flávio.

António Pinto, do Marco de Canavezes, várias graças não especificadas.

Rosa Maria Correia d'Aires, de Faro do Alentejo, a rápida cura de icterícia.

Ascensão de Jesus Caldeira, da Meimosa, Penamacor, a cura dum tumor no nariz que a fez sofrer durante 8 anos.

Maria da Conceição Martins Morgado, de S. Pedro de Alva, três graças não especificadas.

Amor de Noivos e Caridade Cristã

Já o dissemos: falsificam-se as coisas que têm valor e não as que o não têm. Por isso existem falsificações do amor. Algumas já ficaram a descoberto, mas falta-nos falar duma das mais graves, por ser das mais dissimuladas, e não será demais que pensemos juntos sobre essa triste realidade de um amor de noivos, que, sem saber porquê, é posto fora de jogo quando se fala de amor cristão ou caridade.

O AMOR DOS NOIVOS É CARIDADE? A primeira pergunta que salta à vista é precisamente esta, e da resposta que dermos vai depender toda a projecção cristã e santificadora do noivado.

Se por caridade entendemos uma virtude teologal infundida por Deus na vontade, pela qual amamos a Deus por si mesmo e a nós mesmos e ao próximo por amor de Deus, é claro que para o cristão não há mais do que uma posição diante do próximo: amá-lo por amor de Deus. Amar por Deus o pobre, o enfermo, a velhinha, o menino esfarrapado, o desequilibrado mental, até o criminoso; porque deixar fora da lista a jovem elegante e a moça atraente, embora sejam noivos?...

Bem sei, ficam fora da lista porque o atractivo sensível é íman mais do que suficiente para atrair a atenção e o interesse do que ama. E este ficar como que deslumbrados pelo sensível é limitar o campo do amor, é minimizá-lo, é falsificá-lo.

Mas suponhamos que há jovens com uma autêntica formação cristã (e, graças a Deus, há-os). Para estes a importância não está no externo, no invólucro; a importância está no que há de Deus por detrás dos farrapos do mendigo ou por detrás dos olhos misteriosos e tristes do criminoso, ou por detrás do rosto alegre e sereno do jovem, ou por detrás do encanto físico da jovem atraente.

E atrás, ou dentro, dessas aparências externas está Deus.

E, repara, também é bonito e é humano que Deus possa utilizar para Si envolturas cheias de colorido e alegria juvenil. Vê como a Deus tem de agradar viver nos jo-

vens e Lhe tem de agradar que seja procurado também nesse mundo de ilusão e alegria.

O importante é não se ficar no invólucro ou no joalheiro; é preciso ir até à joia, até ao conteúdo. E quando dois noivos cristãos o conseguem, conseguiram pôr em órbita o seu amor, conseguiram que o seu amor seja autêntica caridade cristã com todas as suas maravilhosas consequências, conseguiram dar ao seu amor horizontal a verticalidade que o eleva e o transforma.

Daí que possamos e devamos afirmar que o amor dos noivos tem no seu haver todos os êxitos da caridade e, por isso mesmo, todas as exigências ou obrigações.

A MEDIDA DESSE AMOR-CARIDADE. No Evangelho encontramos todo um programa de caridade que nos vai levando desde um simples nível ou equilíbrio até à fusão total dos seres amados entre si e com Deus.

Ao próximo como a ti mesmo. Este é o primeiro passo para a autêntica caridade. E não resulta tão fácil como parece: não é difícil pensar nos outros, compreender os outros, dar a mão aos outros, compartilhar todo o nosso ser com eles. Não é fácil pôr em comum com eles as nossas ideias nem o nosso dinheiro. Mas o facto de não ser fácil não quer dizer que não tenha o seu encanto, quando se ama de verdade.

Como a ti mesmo: Para ele, para ela, a mesma sorte, os mesmos problemas, as mesmas alegrias, os mesmos êxitos, a mesma virtude. Assim, o primeiro passo.

Ao próximo como a Jesus. Mas o Evangelho indica e exige mais: que nos voltemos para o próximo como nos voltaríamos para o próprio Jesus.

E aqui o panorama que se abre aos namorados é amplo, maravilhoso. Maravilhoso porque mantém a atenção em Cristo, e amplo porque são muito variadas as ocasiões em que Cristo pode reclamar a nossa atenção.

Como a Jesus... quando se trata do enfermo, do pobre, do noivo ou da noiva.

Ao próximo como Jesus te ama a ti. É o próprio Jesus que se põe como modelo do autêntico amor entre os homens, e é S. Paulo quem se encarregou de o recordar aos casados: «Como Cristo ama a Sua Igreja». E se isto vale para os casados, porque não há-de valer para os noivos?

E já temos aqui as directrizes dum programa de amor baseado na renúncia total a si mesmo e na entrega ao outro. O importante será não perder de vista o modelo.

Como é que amou Jesus? O Evangelho é bem eloquente: sai do Pai para vir até nós, vem a nós num plano de serviço, a dar-Se todo: a Sua doutrina, a Sua comodidade, a Sua própria vida, e fica entre nós convertido em Pão.

Como Jesus ... os noivos deixam para trás a casa de seus pais com tudo o que de cómodo e afectivo há nela. Não é fácil este desprendimento do lar paterno, mas é imprescindível para amar de verdade. Bem entendido que o desprendimento não supõe ruptura nem esquecimento!

Como Jesus ... os noivos devem pôr em comum as suas ideias, as suas esperanças, os seus problemas, para preparar a comunidade das suas vidas.

Como Jesus ... os noivos devem dar já à sua vida um sentido não de absorção mas de serviço. Ajudar o outro a estudar, quando se trata de estudar, a trabalhar quando é a hora do trabalho, a ser melhor, ainda que para isso haja que reprimir os impulsos dum corpo jovem em que o sangue ferve; a amar sempre, cortando qualquer rebento de egoísmo ou de amor próprio.

Como Jesus ... os noivos devem converter-se em pão de eucaristia de um para o outro, e até «deixar-se comer», como se diz vulgarmente, em vez de gritar «a mim ninguém me pisa». E Cristo deixou-Se pisar...

COMO JESUS AMA O PAI até identificar-Se com Ele. Jesus tem como uma obsessão superior

o amor, e fruto do amor é a união, a união dos homens entre si para tornar possível a união com Deus. Por isso pede que «sejam um como Nós». E antes tinha falado de que «tudo o que é Meu é Teu». E noutro lugar deixou bem vincado que «aonde estão dois ou mais unidos no Meu nome, Eu estou no meio deles».

Como Jesus e o Pai, os noivos devem eliminar da sua vida tudo o que tende a separá-los: posição económica, afeições desordenadas (leia-se futebol, esquí, caça), amizades e até familiares.

Como Jesus e o Pai, os noivos devem enriquecer-se não só pondo em comum o fruto do seu trabalho, mas tudo, e tudo é a cultura e a virtude.

NOIVOS: o programa é ambicioso e difícil de verdade, mas também encantador, como é encantador coroar o cimo das montanhas e é magnífico bater um recorde desportivo e sublime deixar-se embriagar pela glória da fama ante um êxito artístico. Não vos quedeis enredados nos laços das dificuldades quando está ao alcance da mão o triunfo: um amor humano que vos empurra para o amor divino.

T. DOMINGUEZ, O. M. I.

(Traduzido da revista espanhola «Nuevas Parabras», Dezembro de 1969).

BODAS DE OURO SACERDOTAIS DO P. HENRIQUE ANTUNES FERNANDES, CAPELÃO DO SANTUÁRIO

Com uma solene concelebração ao meio-dia do domingo, dia 17 de Fevereiro, comemorou o quinquagésimo aniversário da sua ordenação sacerdotal o Rev. P.º Henrique Antunes Fernandes, capelão do Santuário.

A missa foi concelebrada por condiscípulos, sacerdotes naturais do Olival, párocos das antigas paróquias onde o Rev. P.º Henrique Antunes Fernandes e pelos capelães do Santuário. Representava o Senhor Bispo o seu secretário, Rev. P.º Henrique Fernandes da Fonseca, sobrinho do homenageado, que, depois da leitura do Evangelho, fez a homilia sobre a grandeza do sacerdote, mediador entre os homens e Deus.

O Rev. P.º Henrique Antunes Fernandes foi ordenado em 17 de Fevereiro de 1924, na Sé Catedral

de Leiria, pelo Senhor D. José Alves Correia da Silva. Prestou serviço no Seminário, foi Pároco do Olival, do Alqueidão da Serra e de Vila Nova de Ourém. Há oito anos, o Sr. Bispo de Leiria dispensou-o da paróquia e nomeou-o Capelão do Santuário da Fátima.

A missa da festa assistiram diversos antigos paroquianos e muitos amigos do Sr. P.º Henrique que lhe manifestaram o seu apreço pelo zelo verdadeiramente apostólico e sacerdotal ao longo destes 50 anos ao serviço da Igreja.

Pia União dos Cruzados da Fátima

Muitas pessoas nos têm perguntado se sim ou não é celebrada a missa a que têm direito como associados da Pia União dos Cruzados da Fátima. Podemos, hoje, esclarecê-las (e esta informação serve para todos os associados e chefes de trezena) de que «a missa diária pelas intenções dos membros vivos e defuntos da Pia União é celebrada, na Basílica do Santuário, às 10.30 de todos os dias, com excepção dos dias 13, em que será celebrada às 11 horas (missa oficial da peregrinação)».

A «VOZ DA FÁTIMA»

deixou de ser propriedade da «Gráfica de Leiria» e passou para a propriedade do Santuário, onde funcionam, daqui em diante, os serviços de Redacção e Administração.

Por isso, todos os assuntos relacionados com este jornalzinho devem ser dirigidos para «VOZ DA FÁTIMA» — Santuário da FÁTIMA.

A pouco e pouco, assim o esperamos, todas as confusões e dificuldades verificadas ultimamente se irão esclarecendo e compondo para que tudo se organize convenientemente. Pedimos a todos um pouco mais de paciência e compreensão conosco e tudo se resolverá pelo melhor.

O Sacramento da Reconciliação

Acaba de ser publicado pela Sagrada Congregação para o Culto Divino o novo «Ordo Pœnitentiæ» aprovado pelo Santo Padre e que entra imediatamente em vigor no que se refere à língua latina. Quanto ao seu uso em português, entrará em vigor em data a estabelecer pela Conferência Episcopal, apenas esteja pronta e aprovada a sua tradução.

O novo livro litúrgico contém duas partes: a primeira com os princípios doutrinários, as normas litúrgico-pastorais e os ritos para a celebração do sacramento nas suas diversas formas, e a segunda com oito modelos de celebrações penitenciais para diversos tempos e várias categorias de pessoas. Não há nele novidades de doutrina mas renovação pastoral.

I — O Título

O título «Ordo Pœnitentiæ» manifesta já uma nova orientação pastoral. Abandona-se o termo «Confissão» que acentuava o carácter «privado» que este sacramento adquiriu nos últimos séculos e realçava sobretudo a acusação dos pecados. No novo «Ordo», PENITÊNCIA indica o conjunto de todas as celebrações e acções penitenciais da Igreja, entre as quais está o sacramento propriamente dito, que é designado com o termo «RECONCILIAÇÃO» de tão rica tradição desde a Igreja primitiva e que traduz melhor o significado fundamental deste sacramento: encontro do filho com o Pai e com os irmãos.

II — Princípios Doutrinários, Litúrgicos e Pastorais

Destinam-se estes princípios a expor o espírito, o fundamento

doutrinal e as finalidades a atingir com esta renovação, que é a resposta à recomendação do II Concílio do Vaticano para que na revisão deste sacramento aparecesse com maior claridade a sua natureza e os seus efeitos.

Nos ritos, agora renovados, evidencia-se o carácter comunitário da penitência, supondo também uma concepção social e solidária do pecado que é sempre ofensa a Deus e aos irmãos. Trata-se, pois, duma Reconciliação com Deus, com Cristo e todos os Seus irmãos. Estes são chamados a colaborar com a caridade, o exemplo, a correcção fraterna e a oração na conversão dos penitentes, actuando o seu sacerdócio, enquanto cooperam, cada um a seu modo, mas todos activa e solidariamente, no ministério da Reconciliação. Supera-se, assim, aquela impressão de que este sacramento constituía um rito isolado da vida eclesial e com um carácter estritamente individual.

O novo «Ordo» reafirma que os elementos constitutivos deste sacramento são: arrependimento, acusação, reparação e absolvição, mas reconhece que a ordem por que se sucedem na celebração não foi sempre idêntica. Actualmente, por exemplo, a absolvição precede a reparação, enquanto nas origens acontecia o contrário. A actual renovação prevê que, nalguns casos bem determinados, a absolvição possa preceder a acusação dos pecados, frisando, assim, a importância da conversão e da absolvição.

III — Os novos Ritos

O novo «Ordo» propõe três formas de celebrar o sacramento da Reconciliação:

Aos Párocos e Chefes de Trezena

1. Antes de mais, um profundo agradecimento a todos os que nos enviaram o bilhete-resposta. São certamente mais de mil, o que é consolador, embora faltem ainda muitos.
2. Aos que nos responderam, já este mês enviamos os jornais pedidos e o suplemento em atraso. Mas o suplemento seguirá à parte, por razões de facilidade.
3. Os que não nos responderam receberão só a VOZ DA FÁTIMA. Mas ficamos ainda à espera da resposta para sabermos exactamente a quantas andamos!
4. Quanto às novas cotas, graças a Deus, a grandíssima maioria compreendeu muito bem e conseguiu convencer os associados, apesar de todas as confusões anteriores.
5. Alguns, porém, dizem que lhes é impossível, agora, mudar, pois já receberam as cotas de 1974. Pois esses que deixem ficar assim. Temos

pena, pois será menor a participação para as obras de apostolado das dioceses, mas paciência.

6. Juntamente com o bilhete-resposta recebemos centenas de cartas e cartões de extrema amabilidade. Até ao presente, contam-se pelos dedos os que desistem de tudo, e em muitos nota-se uma grande chama de amor a Nossa Senhora.

7. Continua de pé a ideia do encontro. Há chefes de trezena que nunca vieram à Fátima! Quem nos ajuda a arranjar meios para lhes pagar as viagens? Não podemos deixar que fiquem em casa, por serem pobres, tão devotados seguidores da Mensagem de Nossa Senhora. Ela é Mãe; há-de ajudar-nos a trazê-los cá.

8. A todos muito obrigado por tudo. E até pelo perdão que alguns me concederam expressamente.

P. LUCIANO GUERRA
Reitor do Santuário

A «Voz da Fátima» há 50 anos...

No n.º 18, de 13 de Março de 1924, na secção «Notas e Impressões», vem o seguinte testemunho sobre

O FENÓMENO SOLAR DE 1917

Salvaterra de Magos, 3 de Janeiro de 1924

... Sr. Visconde de Montelo

Por ter lido o livro escrito por V. a respeito dos episódios maravilhosos de Fátima, cumpre-me participar-lhe que também tive a ventura de presenciar os acontecimentos assombrosos do dia 13 de Outubro de 1917. Cheguei na véspera à aldeia de Fátima onde pernoitei. No dia seguinte fui a casa das crianças com quem falei, principalmente com a mais velha, a Lúcia, que me disse que Nossa Senhora lhe aparecia meia hora depois do meio-dia, hora solar. Dirigi-me depois para a Cova da Iria, mas, como chovesse, molhei-me, voltando logo para a aldeia onde me enchuguei. Quando faltavam uns vinte e cinco minutos para a hora anun-

ciada, parti para o local das aparições. Na ocasião em que cheguei, parou a chuva, mas o céu conservava-se carregado e escuro. A atmosfera tornou-se amarela no local em que estavam as crianças e as cabeças dos milhares de pessoas presentes pareciam cobertas com lenços de cores amarelas, roxa e azul. Uma coluna de fumo, que se assemelhava a uma nuvem, pairava no referido local, subindo três a quatro metros acima do solo. Este fenómeno repetiu-se mais de três vezes, creio eu. Olhei depois para o céu e vi o Sol, que parecia uma roda de fogo, romper as nuvens e correr em direcção à Terra. As nuvens tinham-se rasgado de repente e via-se perfeitamente o Sol, que não feria a vista.

Vi pelo menos passar pela parte de cima do Sol duas nuvens que eram iluminadas pelo Sol, o qual correu segunda vez em direcção à Terra. Foi isto que os meus olhos viram. Desta minha carta faça V. o uso que entender.

De V. etc.

Manuel da Costa Pereira

1) Reconciliação do penitente de modo individual.

O esquema apresentado tende, sobretudo, a que a celebração seja um encontro de libertação, de alegria e de paz e proclamação da misericórdia de Deus Pai, ao mesmo tempo que se reconhece humildemente o pecado.

2) Reconciliação de vários penitentes com acusação e absolvição individuais.

Trata-se duma celebração, na qual se proclama a Palavra de Deus e os fiéis se reconhecem pecadores, mas onde há também espaço para cada um, individualmente, se poder acusar e receber a absolvição. Aspecto individual e comunitário são aqui postos em relevo.

3) Reconciliação de vários penitentes com acusação e absolvição gerais.

É permitida só nalgumas circunstâncias, absolutamente especiais e que devem ser determinadas pelos Bispos, quando os fiéis tivessem de ficar durante muito tempo privados da Reconciliação sacramental. Nestes casos pode receber-se a absolvição geral, adiando a acusação especificada dos pecados para altura mais propícia. Esta será obrigatória no caso de faltas graves e facultativa, embora muito recomendada, nos outros casos. Para que o sacramento tenha eficácia, exige-se a conversão interior, que se deve manifestar com um sinal externo a determinar pela Conferência Episcopal, além do propósito de se acusar depois individualmente, de renovar a própria vida.

IV — Celebrações Penitenciais

Quanto às celebrações que ocupam a 2.ª parte do «Ordo», elas pretendem ser simples modelos que não-de servir para suscitar e orientar a criação de outros esquemas mais adaptados a cada caso. Destinam-se, primariamente, às celebrações comunitárias da Reconciliação, mas podem realizar-se noutras ocasiões para aprofundar e exprimir comunitariamente o sentido do pecado, do perdão de Deus e do empenho de conversão, sobretudo quando se devesse seguir a Reconciliação celebrada de modo individual.

Pensamentos

Ensinar as crianças a serem carinhosas com os humildes e com as pessoas de idade, é abrir-lhes um caminho de bondade, que lhes eleva o carácter.

As boas acções vêm dos bons pensamentos e estes vêm de Deus.

Oxenstiern

Qual é a mais alta faculdade da alma? Será o génio? Não, a bondade!

Vitor Hugo